

**BERARDINELLI, A. *POESIA NON POESIA.***

**TORINO: EINAUDI, 2008, 100 P.**

ANDRÉIA GUERINI

**A**

utor de vários livros, o ensaísta Alfonso Berardinelli é uma das vozes mais contundentes da crítica italiana atual. Em *Poesia non poesia*, ainda sem tradução para o português brasileiro, Berardinelli discorre sobre “poesia” em quatro eixos intitulados: 1) “La poesia ieri, la poesia oggi” [A poesia ontem, a poesia hoje]; 2) “Poesia e genere lirico” [Poesia e gênero lírico]; 3) “Sulla traducibilità della poesia italiana contemporanea” [Sobre a traduzibilidade da poesia italiana contemporânea] e 4) “Montale e la sopravvivenza della poesia” [Montale e a sobrevivência da poesia].

Esses ensaios, “corrigidos e parcialmente reelaborados” (p. 100) para este livro, foram apresentados em diferentes momentos, mas continuam bastante atuais. As três primeiras partes do livro são o resultado de conferências proferidas em universidades italianas entre 2001 e 2006: “La poesia ieri, la poesia oggi” foi apresentada na Universidade de Pisa, em



2006; “Poesia e genere lirico”, na Universidade de Siena, em 2001; “Sulla traducibilità della poesia italiana contemporanea”, no congresso *L’italianistica in America Latina*, na Universidade de Siena, em 2004. Já a última parte é um artigo, publicado com um título diferente em *Il Foglio*, em setembro de 2006.

O título do livro *Poesia non poesia* pode conduzir o leitor ao célebre livro de Benedetto Croce (1923, p. 6), o qual, ao final da sua “Avvertenza” [Advertência], diz, em tom irônico, que oferece ao leitor a “crítica da crítica” e não a “crítica da poesia”, porque “os inteligentes bem sabem que a crítica da poesia não pode senão formar uma única coisa com a crítica da crítica da poesia”<sup>1</sup>. Aparentemente distanciado desse raciocínio, Berardinelli afirma, no ensaio que leva o nome deste livro: “Não acredit[o]ar na poesia. Acredito somente naquelas poesias que me fazem acreditar nelas. Se convence o leitor, a poesia não precisa ser defendida. Se não convence, como e por que defendê-la?” (p. 30). Ou seja, Berardinelli parece querer se distanciar de certo tipo de discurso crítico que vem sendo feito em torno desse gênero, embora afirme logo na abertura da sua reflexão que é “tarefa específica” da crítica “descrever, registrar e avaliar as mudanças” (p. 3) da poesia, já que, historicamente, ela muda. Aliás, Berardinelli questiona o modo como a poesia foi estudada e analisada ao longo de diferentes momentos históricos. Transita, então, entre a aparente contradição da sobrevivência da poesia nos dias atuais e a falta de um “verdadeiro público de leitores” (p. 11) nos meandros de diferentes correntes críticas que muitas vezes não levavam em conta a “relação dialética entre poesia e história, entre evolução ou mudança das formas literárias e processo histórico” (p. 5).

No segundo ensaio do livro, Berardinelli reflete sobre a relação entre poesia e gênero lírico e “acontecimentos pós-modernos”, pois, segundo ele, “quando falamos de poesia entendemos um espaço que se define [...] dentro do sistema dos gêneros literários” (p. 31). Mas como Berardinelli assinala, “os confins da poesia enquanto gênero literário se dilatam” (p. 31), daí a necessidade de se distinguir poesia e gênero lírico, porque “na modernidade os confins da poesia se restringiram [...] até coincidir com os da lírica” (p. 32), mas na pós-modernidade, há, segundo ele, uma “reviravolta fundamental no modo de considerar e herdar a Modernidade” (p. 35), pois a poesia força os seus confins: “1) recuperando dimensões da prosa, ou, às vezes, da teatralidade; 2) reabrindo o diálogo com a tradição pré-moderna; 3) praticando uma pluralidade de soluções possíveis e saindo da tutela de poéticas fundadas sobre uma consciência histórica de

1 Salvo indicação, as traduções são de minha autoria.

tipo monástico; 4) mantendo, ou reencontrando, ou destruindo o espaço clássico da lírica” (p. 39-40). Exemplos de escritores são dados para mostrar como a poesia se comporta nesse período, já que, como afirma Berardinelli, “definir a pós-modernidade não é fácil”, mas é possível ter um idéia simples: “a pós-modernidade de um lado oferece uma série de possibilidades novas, de outro (no vanguardismo) foi um modernidade que não deu certo, uma modernidade que acabou com o *pathos* antagonístico e as suas riquezas inventivas. Toda a segunda metade do século XX foi marcada por esse *depois*” (p. 63-64).

No terceiro ensaio, Berardinelli trata de questões sobre a *traduzibilidade* da poesia italiana contemporânea partindo das premissas de que um “brilhante e profundo teórico da tradução não é bom tradutor” e “excelentes tradutores não saberiam teorizar sobre a sua atividade” (p. 64). Além disso, o crítico italiano também acredita que o “tradutor é um escritor, um tipo particular de escritor” (p. 65-6). Embora diga não acreditar na teoria, pois considera como insuficiente a sua “pessoal experiência de tradutor” (p. 66) – Berardinelli traduziu “*Spleen* de Paris” de Baudelaire –, se dá conta da necessidade de se rever constantemente as traduções. Diz ele: “As traduções, talvez, deveriam ser revistas, revisadas, melhoradas depois de alguns anos, senão depois de alguns meses” (p. 67). À parte essas suas considerações acerca da tradução, Berardinelli procura ver nesse ensaio o quanto e o quê da cultura literária italiana está sendo exportado, o que é destinado para o consumo interno e o que entra no mercado internacional e globalizado (p. 67). Esse interesse é explicado pelo fato de acreditar que, no presente, a Itália tem exportado “produtos menos bons” em termos literários, se comparado com o que acontecia no passado, ou ainda, ao contrário, os produtos mais pitorescos e folclóricos, reconhecidos à distância como tipicamente italianos. Na realidade, Berardinelli tenta analisar alguns dos elementos que contribuem para que um determinado autor/poeta seja traduzido e outro não, como e por que isso acontece. Questões como estilo, língua, densidade semântica, concentração formal, alusões, são elementos de um sistema tanto da prosa quanto da poesia determinantes para “influenciar” o grau de *traduzibilidade*, ou intraduzibilidade, de certos poetas.

Na última parte do livro, “Montale e a sobrevivência da poesia”, Berardinelli afirma ser Montale o “mais típico, [...] e estudado porta-voz da poesia moderna na Itália” (p. 87). Um século antes, foi Leopardi; e ainda um pouco antes e um pouco depois no mesmo século de Montale, Berardinelli cita Umberto Saba (poeta pré-moderno) e Pier Paolo Pasolini (poeta pós-moderno). A grandeza de Montale, segundo Berardinelli, reside no fato de não lhe “agradar quase nada” (p. 88). Berardinelli afirma ainda que “Montale [...] é a poesia italiana do século

XX, mas já há cerca de trinta anos, a poesia italiana existe porque o ignora: como ideia e como comportamento, como teoria e como práxis” (p. 89). É o modo como diagnostica, analisa a poesia e o modo como se comporta e como escreve poesia que o faz porta-voz, como dito anteriormente, da poesia moderna italiana. Atualidade e simplicidade são duas características marcantes da práxis montaliana, tanto a do poeta quando a do crítico, já que para Montale, como observa Berardinelli, “a sobrevivência da poesia é a sobrevivência da crítica” (p. 98).

Como se pode perceber pelos aspectos discutidos acima, este pequeno livro contribuiu para enriquecer as reflexões sobre um gênero “nobre”, pouco apreciado pelo público, mas que mostra vitalidade e relevância cultural.

## **Referências bibliográficas**

CROCE, B. *Poesia e non poesia; note sulla letteratura europea del secolo decimonono*. Bari: Laterza, 1923.